



PERCEPÇÕES DE YOUTUBERS SOBRE O ERRO NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA

Guido de Oliveira Carvalho

GT2 - Ensino e aprendizagem de línguas

1 Introdução

Os erros na aprendizagem de uma segunda língua receberam, nas últimas décadas, considerável atenção dos pesquisadores da Linguística Aplicada. Há razões para isso. Ellis (1997) aponta três: em primeiro lugar, são uma clara evidência da aprendizagem de línguas e levantam a questão “por que os aprendizes cometem erros?” Em segundo lugar, é útil aos professores saberem que erros os alunos cometem. E, por fim, os erros podem ajudar os alunos a aprender quando fazem autocorreção.

Se é importante discutir os erros na aprendizagem de línguas, igualmente o é discutir as possibilidades que os últimos anos trouxeram para esse campo com a implementação de ferramentas tecnológicas, mais precisamente a *internet*. Nas duas últimas décadas, a rede se tornou parte imprescindível do cenário moderno e influencia o cotidiano das pessoas no trabalho, na vida pessoal e nos estudos. Assim, nesse ambiente virtual é comum encontrarmos aqueles que dedicam parte de seu tempo a produzir também conteúdo voltado para o ensino de línguas, assumindo o papel de professores, mesmo que não o sejam fora daquele ambiente. Um dos sites que mais claramente exemplifica tal situação é o *YouTube*, onde há muitos *youtubers* (produtores de vídeos para o site) postando vídeos com conteúdos linguísticos e culturais com o objetivo de ensinar línguas.

Pretende-se, então, com esta pesquisa documental – ancorada metodologicamente em uma abordagem qualitativa –, discutir os erros na aprendizagem de língua inglesa sob o ponto de vista desses *youtubers* que especificamente tratam do assunto. Os objetivos são: verificar quais erros os *youtubers* focalizam, quais são suas explicações para tais erros e em quais concepções teóricas esses erros e essas explicações se fundamentam.

2 Perspectivas sobre o erro no ensino de línguas



Considerando a importância do estudo dos erros no processo de aprendizagem de uma segunda língua (doravante L2), uma pergunta, sem dúvida, vem à tona: afinal, o que é erro? As definições são variáveis. Richards, Platt e Platt (1992, p. 127), por exemplo, tomam como base o falante nativo e a parte linguística da língua e definem erro como “o uso de um item linguístico [...] em que um falante fluente ou nativo da língua considera que apresenta falha ou aprendizagem incompleta¹.” Lengo (1995, página digital), por sua vez, volta-se para a norma: “erros se desviam do que é considerado como norma,” contudo, alerta que não há uma concordância sobre o que ela seja. O autor cita o exemplo da palavra *while* que no inglês de Yorkshire corresponde a *until* no inglês padrão e, portanto não pode ser considerado como erro quando usado por alguém falando a variedade de Yorkshire.

Ellis (1997) traz duas categorias que precisam ser diferenciadas e são correntes também em outros autores: *errors* e *mistakes*². Na primeira categoria se encaixam os erros que refletem alguma falha no conhecimento do aprendiz, ou seja, ele tenta se expressar, mas não sabe ainda como fazê-lo. A segunda categoria refere-se a lapsos, quando o aprendiz não consegue colocar em prática o que sabe por conta de fadiga, desatenção, ansiedade etc.

Com fins didáticos, Edge (1989) usa o termo *mistake* com sentido geral e define três outras categorias: *slips*, *errors* e *attempts*. *Slips* (algo como “lapsos”) são aqueles erros que os professores consideram que o próprio aluno pode corrigir se lhes forem indicados. *Errors* (“erros”) são aqueles que não podem ser autocorrigidos, mesmo que sejam indicados. Nesse caso, o professor considera que os alunos têm familiaridade com a forma correta. *Attempts* (“tentativas”) são aqueles erros que os estudantes cometem quando tentam dizer algo, mas ainda não aprenderam a linguagem necessária para tal tarefa. Bartram e Walton (1994), também em uma perspectiva didática, usam os termos *slip* (causado por cansaço, nervosismo etc, ou seja, o tipo de erro que até os nativos poderiam cometer) e *mistake* (erro que o falante nativo não cometeria, apenas aprendizes da língua).

Figueiredo (2015, p. 50), tomando o efeito que possa ser causado no interlocutor, considera “como erro a forma que, independentemente da construção gramatical, impede o processo de comunicação.” Para os interesses do presente texto, adotamos o termo “erro” em uma concepção geral.

¹ Todos os trechos dos textos em inglês foram traduzidos para que a leitura seja mais fluida.

² Os dois termos costumam ser traduzidos como “erros” em português.



Historicamente a atenção que os estudos da linguagem dedicaram aos erros se divide em dois momentos: a Análise Contrastiva e a Análise de Erros. A Análise Contrastiva (doravante AC) surgiu a partir dos anos 50, na esteira das concepções behavioristas de aprendizagem de línguas. De acordo com Figueiredo (2015), os behavioristas entendiam a aquisição de línguas como produtos de formação de hábitos. Assim, “adquirir ou aprender uma L2 significava substituir um hábito formado (L1) por novos (L2)” (FIGUEIREDO, 2015, p. 51). Dessa forma, para a AC, “a principal barreira para a aquisição de uma segunda língua é a interferência do sistema linguístico da L1” (BROWN, 2000, p. 208).

Entretanto, a AC começou a sofrer severas críticas a partir de estudos posteriores, como informa McLaughlin (1987), por conta de previsões de erros que não aconteciam ou de erros não previstos, que não podiam ser explicados por interferência da L1. Ganha destaque, então, a corrente de estudos conhecida como Análise de Erros (doravante AE). Nessa perspectiva, os erros não se devem apenas à influência da língua materna, mas a outros fatores, como as próprias inferências que os aprendizes fazem sobre a língua-alvo, ou seja, hipóteses, conforme Larsen-Freeman e Long (1991, p. 57-58): “o processo de aprendizagem de L2 também foi pensado como o de formação de regras, no qual as regras eram gravadas através de um processo de elaboração e teste de hipóteses”.

Assim, a AE foi responsável por mudar o *status* do erro: de um elemento considerado indicativo de aprendizagem falha para uma indicação de elaboração de hipóteses e, portanto, sinal de aprendizagem. McLaughlin (1987) salienta que a AE também recebeu críticas. Por exemplo, com relação à amostra de erros, que eram colhidos, nas pesquisas, em um período curto de tempo. Outra crítica era que as explicações para alguns erros tanto poderiam ser de natureza intralingual quanto interlingual (comentados na próxima seção). E, por fim, havia uma crítica de que os pesquisadores dedicavam muita atenção aos erros e pouca atenção aos acertos.

Quando o assunto é *feedback*, para muitos professores essa palavra implica em correção apenas. Entretanto, a correção propriamente dita é uma decisão complexa para o professor (ALLWRIGHT; BAILEY, 1991). De acordo com os autores, quando o professor nota um erro e aqui referindo-se ao erro oral, ele pode, segundo as necessidades da aula em andamento ou do aluno que o cometeu, corrigir o erro ou ignorá-lo. Apesar de a correção direta onde o professor aponta o erro ser a mais tradicional, Figueiredo (2015) sugere a correção indireta nas seguintes modalidades: autocorreção (situação em que professor indica o erro ao aluno para que este o corrija), correção com os pares (técnica em que os alunos trabalham colaborativamente para corrigir os erros um do outro), correção no quadro-negro



(aqui o professor relaciona os erros no quadro e os corrige com os alunos), conferências (também uma atividade colaborativa em que o professor dialoga com o aluno pedindo esclarecimentos sobre o texto e fornecendo algumas soluções).

3 O *YouTube* e sua relação com o ensino de línguas

O *YouTube* é um site agregador de vídeos que no momento faz parte do cenário cultural mundial. De acordo com Burgess e Green (2009), o site foi criado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim em 2005. Segundo estatísticas do *YouTube*³, o site tem, atualmente, mais de um bilhão de usuários e está disponível em 76 idiomas. Além disso, o *YouTube* apresenta conexões com outros sites, como blogs e *Facebook*.

A escola não pode se isentar de ter conexão com os fenômenos culturais que vicejam ao seu redor. Sendo um site tão famoso e com vídeos de diversos conteúdos à disposição, sem dúvida há boas razões para ligá-lo aos processos educativos. Os autores seguintes apontam para esse pensamento.

Leffa (2016, p. 134), por exemplo, destaca que uma rede social tem a possibilidade de eliminar a distância geográfica entre o aluno e o interlocutor. Especificamente referindo-se ao ensino de língua estrangeira, Terantino (2011) lista cinco maneiras como o *YouTube* pode ser útil nas aulas: como fonte de vídeos com informações culturais e linguísticas relacionadas à língua-alvo; acesso a vídeos de linguagens menos ensinados, que poderiam não ser acessíveis de outro modo; vídeos com aspectos culturais dos países falantes, sem a necessidade de viajar para tais lugares; oportunidades para os alunos criarem seus próprios vídeos na língua-alvo; projetos colaborativos com participação de vários alunos. Barton e Lee (2015) consideram que, diferente da sala de aula onde a participação do aluno é compulsória e liderada por professores, o site é um ambiente livre de estresse, onde os indivíduos buscam aprender e, portanto, estão motivados.

Em conclusão, o *YouTube* não apenas fornece conteúdo para as aulas de línguas – com o devido planejamento do professor –, como também é um espaço autoral e colaborativo de aprendizagem de línguas.

³ <https://www.youtube.com/yt/press/pt-BR/statistics.html>



4 Metodologia

Esta pesquisa se filia à abordagem qualitativa e também se caracteriza como uma pesquisa documental. Para Fachin (2006, p. 146), “considera-se documento qualquer informação sob a forma de textos, imagens, sons, sinais em papel/madeira/pedra, gravações, pinturas, incrustações e outros.” Dessa forma, consideramos os vídeos públicos postados em uma rede social como documentos.

A coleta de dados consistiu de uma busca no site do *Youtube* no dia 13/02/2017. Foram usados como palavras-chave os termos “erros”, “aprendizagem” e “língua inglesa”. Para delimitar a pesquisa, estabelecemos que seriam considerados para o estudo os vídeos publicados no período dos últimos seis meses (13/08/16 a 13/02/17). Foram adotados ainda os seguintes critérios: os vídeos deveriam ser direcionados ao público brasileiro, foco na língua inglesa, terem sido postados na seção dedicada à Educação, máximo 15 minutos e mais de 1.000 visualizações.

Atendendo a esses critérios, 18 vídeos foram selecionados. A forma gráfica de apresentação dos títulos foi mantida.

Quadro 1 – Vídeos selecionados			
Vídeo	Endereço	Autor	Data da Postagem
1. 5 ERROS Com AT, FOR e OF Que Brasileiros Comentem em Inglês	https://www.youtube.com/watch?v=UVJqSlnBGO4	Inglês Winner	4 de nov de 2016
2. 5 Erros Super Comuns em Inglês	https://www.youtube.com/watch?v=Vs6TLmyjcLU	Tim Explica	11 de dez de 2016
3. 7 ERROS QUE BRASILEIROS Insistem Em Cometer em Inglês	https://www.youtube.com/watch?v=4YIjg7wTSz0	Inglês Winner Paulo Barros	27 de set de 2016
4. 10 erros de pronúncia dos brasileiros ao falar inglês #2	https://www.youtube.com/watch?v=EfxmsNb5KZo	Carina Fragozo	27 de set de 2016
5. DICAS DE PRONÚNCIA EM INGLÊS 3 erros comuns pra você não esquecer mais!	https://www.youtube.com/watch?v=cNrMfSZRNoo	clubedoingles	3 de jan de 2017
6. ERRO BÁSICO em Inglês Teacher Allie	https://www.youtube.com/watch?v=h9o9cFqLoUM	Teacher Allie	4 de out de 2016
7. ERRO COMUM EM INGLÊS HAVE ou THERE IS	https://www.youtube.com/watch?v=tWYntsTq8JE	Teacher Allie	5 de out de 2016
8. ERRO COMUM em INGLÊS LOSE vs LOOSE - DICA DE INGLÊS	https://www.youtube.com/watch?v=5cdhYtRj6vM	Teacher Allie	6 de fev de 2017
9. Erros comuns em inglês - a letra i - Beach Bitch	https://www.youtube.com/watch?v=2iob5c8p-iY	Barry Inglaterra	15 de jan de 2017
10. Erros comuns em inglês - Get Earn Win – Ganhar	https://www.youtube.com/watch?v=1Va30xdyooW	Barry Inglaterra	9 de jan de 2017
11. Erros comuns em inglês - o verbo Ter nem sempre é Have!	https://www.youtube.com/watch?v=ma-r-hdlw3g	Barry Inglaterra	22 de jan de 2017



12. Erros comuns em inglês - Quando usar os artigos definido e indefinido	https://www.youtube.com/watch?v=AsXpgL9vDVs	Barry Inglaterra	29 de jan de 2017
13. ERROS COMUNS EM INGLÊS! 7 palavras capciosas em inglês	https://www.youtube.com/watch?v=M_mOXYUNiJE	clubedoingles Erika Belmonte Zegunis	13 de jan de 2017
14. Jogo dos 9 erros - Palavras idênticas, mas nem tanto..	https://www.youtube.com/watch?v=k51sjopksc	Ulisses Wehby de Carvalho	12 de fev de 2017
15. NATIVOS CANTANDO INGLÊS ERRADO PARTE 1	https://www.youtube.com/watch?v=Nv9mMGqV4-Y	Cintya Sabino	21 de out de 2016
16. NATIVOS CANTANDO INGLÊS ERRADO PARTE 2	https://www.youtube.com/watch?v=fstQC8eB6ls	Cintya Sabino	2 de nov de 2016
17. O maior erro de pronúncia em inglês (e como evitá-lo!) Vogal de Apoio	https://www.youtube.com/watch?v=NeSKlwflLN20	Ulisses Wehby de Carvalho	4 de jan de 2017
18. Pronúncia BEACH X BITCH, SHEET X SHIT Erros comuns em inglês	https://www.youtube.com/watch?v=8HSM511B4Ig	Carina Fragozo	12 de fev de 2017

Os perfis dos *youtubers* autores dos vídeos recolhidos vão de encontro às considerações de Barton e Lee (2015). Segundo os autores, o *YouTube* é um ambiente procurado pelos interessados em aprender línguas (as visualizações dos vídeos atestam o interesse nas lições apresentadas nos vídeos), onde os interessados em partilhar seu conhecimento podem produzir seu conteúdo e divulgar seus vídeos, assumindo o papel de professores. Nem todos os *youtubers* são professores de língua inglesa ou têm formação linguística; alguns são aprendizes que decidiram dividir seu conhecimento com os interessados.

5 Análise de dados

5.1 Os erros destacados pelos *youtubers*

Os tipos de erros apontados pelos *youtubers* se dividem em três categorias: erros gramaticais, de pronúncia e de vocabulário, conforme a tabela a seguir.

Tabela 1 – Tipos de erros destacados pelos <i>youtubers</i>	
Tipos de erros	Quantidade de vídeos com foco neles
Erros gramaticais	9
Erros de pronúncia	6
Erros de vocabulário	5
Total	20

O total de erros difere do total de vídeos em virtude de um dos vídeos ter tratado de três tipos de erros diferentes, ao invés de focar em apenas um tipo.



Os **erros gramaticais** são aqueles que estão em desacordo com a construção de uma frase como prescrita em gramáticas normativas ou livros didáticos.

Os **erros de pronúncia** são aqueles que mudam o sentido de uma palavra e pode levá-la a ser confundida com outra.

Os **erros de vocabulário** são aqueles em que o aprendiz troca vocábulos ou expressões por outros inadequados. Em se tratando de língua inglesa, pode ser por se tratar de um falso cognato.

Quadro 3 – Tipos de erros tratados pelos youtubers	
Categorias	Especificações
Erros gramaticais	• Erros com o uso das preposições <i>at</i>, <i>for</i> e <i>of</i>; • Omissão de pronomes; • Erros com o uso do artigo definido (<i>the</i>) e dos artigos indefinidos (<i>a/an</i>); • A falta do auxiliar <i>do/does</i> em perguntas; • O erro de perguntar a idade com a estrutura “How many years do you have?” ao invés de “How old are you?”; • O erro de usar <i>have</i> com sentido de “haver”, ao invés de <i>there is</i>. • Diversos erros que falantes nativos cometem em músicas famosas;
Erros de pronúncia	• Diferenças entre pronúncias parecidas (como <i>have/heavy</i>, <i>cat/catch</i>, <i>hat/rat</i>, <i>three/free/tree</i>, <i>course/curse</i>, <i>Bird/beard/beer/bear</i>, <i>show/chew</i>, <i>school/skull</i>, <i>law/low</i>); • A pronúncia dos conjuntos <i>gua-</i> (como em “guard”) e <i>-aw</i> (como “law”) e da palavra “to”; • A diferença entre o /i/ (curto) e o /i:/ longo, como em “bitch” e “beach”;
Erros de vocabulário	• O uso indevido da palavra <i>hug</i>, muito comum no Brasil, mas não nos Estados Unidos; • A diferença entre <i>guy</i>, <i>man</i> e <i>dude</i>; • A confusão entre as palavras <i>lose</i> e <i>loose</i>; • As diferenças entre as palavras <i>get</i>, <i>earn</i> e <i>win</i>; • Palavras que são muito usadas no Brasil similar ao inglês, mas que podem causar confusão (maionese, panqueca, show, notebook, pen drive, outdoor, shopping); • Falsos cognatos, como <i>agenda</i>, <i>cafe</i>, <i>cafeteria</i>, <i>costume</i>, <i>gas</i>, <i>motor</i>, <i>propaganda</i>, <i>macho</i> e <i>durex</i>.

Apesar de os erros apontados serem pontuais, percebe-se uma preocupação com aqueles que podem afetar a comunicação. Vejamos a fala de Erika no vídeo “Erros comuns em inglês! 7 palavras capciosas em inglês”, ao se referir à expressão em inglês *pen drive*, usada no Brasil, mas não nos Estados Unidos:

- [1] Se você pergunta para um americano se ele tem um *pen drive* para te emprestar, ele não vai ter a menor noção do que você está falando. Eu sei porque já testei com várias pessoas só para ver se elas não sabiam mesmo. O correto é *flash drive* ou então *USB drive*. *USB drive* é a forma mais comum, tá?

Essa preocupação com o erro que afeta a comunicação é inerente à conceptualização da língua como comunicação, em que, como visto na seção 2.1, é a definição de erro explícita



por Figueiredo (2015). Baseado nessa percepção, Edge (1989, p. 4) indica que o *feedback* deve-se “concentrar em erros que afetem o sentido e a comunicação”.

5.2 As explicações e comentários sobre os erros

Durante os vídeos alguns *youtubers* explicam a causa dos erros. Em outros, é possível inferir sua posição com relação à origem dos erros. Além dessa explicação, há comentários adicionais sobre eles.

Tabela 2 – Explicações para os erros	
Explicação para o erro	Quantidade
Interferência da língua portuguesa	15
Outros motivos	2
Sem explicações	1
Total	18

Como se pode perceber, os *youtubers*, em sua maioria, explicam os erros como interferência da língua portuguesa.

No vídeo “O maior erro de pronúncia em inglês (e como evitá-lo!) Vogal de Apoio”, comentando sobre o acréscimo da vogal /i/ em palavras terminadas em consoante, Ulisses informa:

- [2] Por que essa vogal aparece na hora que brasileiro fala inglês? Por uma razão muito natural. Na nossa língua portuguesa, as palavras terminam em vogal e outras consoantes como r, l... Em inglês não, você tem muitas palavras terminadas em t, em d, em p, k... consoantes mudas.

Um dos vídeos não forneceu nenhuma explicação para o erro. Dois vídeos, publicados pela mesma *youtuber*, Cintya Sabino, “Nativos cantando inglês errado – parte 1 e 2”, destacavam erros gramaticais de falantes nativos em músicas famosas. Segundo ela, os motivos de eles cometerem os erros podem ser por falta de conhecimento ou porque isso beneficiaria a música de alguma forma. É importante destacar que a *youtuber* indica a seu público que o falante nativo também comete erros:

- [4] É isso mesmo que você leu no título. Vamos falar de cinco músicas cantadas por nativos da língua inglesa que estão erradas. *Teacher*, nativos de língua inglesa não pode falar inglês errado. Pode.

Essa desconstrução está de acordo com as críticas de Cook (1999) ao uso do falante nativo monolíngue como modelo. Para a autora, “o ensino de línguas deve colocar mais ênfase



no aluno como um usuário potencial e real da L2 e preocupar-se menos com o falante nativo monolíngue” (COOK, 1999, p. 196).

Apesar de haver destaque nos erros, alguns *youtubers* chamam a atenção para a ocorrência natural do erro na aprendizagem ou no falar, como afirma, por exemplo, Harmer (2001, p. 100): “quando aprendizes de L2 cometem erros, estão demonstrando parte do processo natural de aprender línguas.”

Ainda no último vídeo mencionado, Carina explica que os erros são parte do processo de aprendizagem:

[4] “Erros” entre aspas porque fazem parte do processo de aprendizagem. Todo mundo vai cometer. Eu já cometi a maioria deles.

Esse ponto de vista coaduna com a conclusão de Brown (2000, p. 238) sobre os estudos dos erros: eles revelaram que “os aprendizes estão, sem dúvida, agindo criativamente em uma L2 – construindo, conscientemente ou inconscientemente, um sistema para entender e produzir sentenças na língua.”

Interessante notar que esta *youtuber* é a única que declara ter formação linguística cursando doutorado. Os demais são professores com experiência em sala de aula ou falantes que aprenderam a língua em situações e contextos diversos.

6 Considerações finais

Retomamos, então, aos objetivos propostos na introdução para, enfim, comentá-los com base na análise de dados.

O primeiro objetivo era verificar quais os tipos de erros focalizados pelos *youtubers* que se propunham a trabalhar com tal assunto. Pudemos perceber que os erros se concentram em três categorias: erros gramaticais, erros de pronúncia e erros de vocabulário. Apesar do foco em erros pontuais e na gramática, há uma preocupação dos *youtubers* em apresentar e resolver erros que possam dificultar a comunicação de quem está aprendendo inglês.

O segundo objetivo era o de verificar às quais concepções teóricas os erros abordados pelos *youtubers* e suas explicações teriam conexões. O principal foco dos *youtubers* são os erros que advêm da influência da língua materna, ou seja, a interferência da L1, presente tanto na AC quanto na AE. Contudo, há espaço para mostrar que o falante nativo também comete erros e que os erros fazem parte do processo de aprendizagem, acontecem principalmente quando os



aprendizes desconhecem a língua-alvo, o que é consonante com a visão de erros apresentada pela AE.

O referencial teórico e a análise de dados apontados nas seções anteriores indicam que a questão do erro continua tão presente e inquietante na aprendizagem de línguas quanto o era há seis décadas. Entretanto, um novo contexto veio somar-se a ao ensino-aprendizagem de línguas. Não mais a sala de aula ou o ambiente nativo são as únicas fontes para a aquisição/aprendizagem. As novas tecnologias trouxeram o ambiente da *internet* para dentro dos lares como fonte de textos, áudio e vídeos e a possibilidade de os aprendizes refletirem sobre as línguas e também assumirem o papel de professores.

7 REFERÊNCIAS

ALLWRIGHT, Richard; BAILEY, Kathleen M. *Focus on the language classroom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

BARTON, David; LEE, Carmen. *Linguagem online: textos e práticas digitais*. São Paulo: Parábola, 2015.

BARTRAM, Mark; WALTON, Richard. *Correction: a positive approach to language mistakes*. London: Language Teaching Publications, 1994.

BROWN, H. Douglas. *Principles of language learning and teaching*. 4th ed. New York: Pearson Education, 2000.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. *Youtube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. São Paulo: Aleph, 2009.

COOK, Vivian. Going beyond the native speaker in language teaching. *TESOL Quarterly*, v. 33, n. 2, p. 185-209, 1999.

DULAY, Heidi; BURT, Marina; KRASHEN, Stephen. *Language two*. New York: Oxford, 1982.

EDGE, Julian. *Mistakes and Correction*. London: Longman, 1989.

ELLIS, Rod. *Second language acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

FACHIN, Odília. *Fundamentos de metodologia*. 5. ed. rev. e atual. São Paulo: Saraiva, 2006.

FIGUEIREDO, Francisco José Quaresma de. *Aprendendo com os erros: uma perspectiva comunicativa de ensino de línguas*. 3. Ed. Rev. Ampl. Goiânia: Ed. da UFG, 2015.

HARMER, Jeremy. *The practice of English language teaching*. Harlow: Longman, 2001.



LARSEN-FREEMAN, Diane; LONG, Michael H. *An introduction to second Language acquisition research*. London: Longman, 1991.

LEFFA, Vilson. Redes sociais: ensinando línguas como antigamente. In: ARAÚJO, Júlio César; LEFFA, Vilson (Orgs.). *Redes sociais e ensino de línguas: o que temos de aprender?* São Paulo: Parábola, 2016, p. 137-153.

LENGO, Nsakala. What is an error? *Forum*, v. 33, n. 3, 1995. Disponível em: <<http://dosfan.lib.uic.edu/usia/E-USIA/forum/vols/vol33/no3/p20.htm>> Acesso em 14 fev 17.

MCLAUGHLIN, Barry. *Theories of Second-Language Learning*. New York: Edward Arnold, 1987.

RICHARDS, Jack C.; PLATT, John; PLATT, Heidi. (Org.). *Dictionary of Language Teaching & Applied Linguistics*. Harlow: Longman, 1992.

TERANTINO, Joseph. YouTube for foreign languages: You have to see this video. *Language Learning & Technology*, 15(1), 2011, p. 10-16. Disponível em: <http://lt.msu.edu/issues/february2011/emerging.pdf>